

**Palestra:** Diversidade de cefalópodes: das praias aos marés profundos do Nordeste do Brasil

Tatiana Silva Leite

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Centro de Biociências, Departamento de Oceanografia e Limnologia (DOL), Laboratório de Biologia Pesqueira. Via Costeira, s/n, Mãe Luiza – Natal/RN - 59014-100

**Resumo:** Os cefalópodes, junto com peixes, crustáceos e outros moluscos, constituem a quase totalidade dos recursos pesqueiros marinhos explorados pelo homem. Com exceção do náutilus (animais considerados fósseis vivos dentro da Classe Cephalopoda), os cefalópodes contemporâneos que incluem os polvos, lulas e sépias, se caracterizam por possuir concha interna ou ausente, um único par de brânquias, 8 a 10 apêndices circumorais, saco de tinta e grandes olhos.

O número de espécies é estimado entre 650 e 1.000, sendo importantes componentes do bentos e do nécton, ocupando ambientes neríticos e oceânicos e todas as faixas de profundidade, desde o epipelagial até ao menos 5.000 m. Os ambientes oceânicos e de águas profundas, devido a sua vastidão, abrigam o maior número de famílias de cefalópodes, sendo a faixa de profundidades entre 500 e 1.500 m onde se observa a maior diversidade de cefalópodes pelágicos.

A fauna de cefalópodes de águas rasas e regiões costeiras incluem as formas mais familiares, cujos ciclos de vida, ecologia e comportamento são melhores conhecidos. Em geral, os cefalópodes desta região são animais musculosos, que utilizam a capacidade de mudança de cor (através das células especiais chamadas cromatóforos) para se camuflarem, seja próximo ao substrato, ou na coluna d água. A região litorânea do Nordeste, com presença de pequenos rios, estuários, manguezais e uma linha de costa caracterizada por formações de recifes de arenito com presença de corais, é uma região propícia para a ocorrência de diversas espécies de cefalópodes costeiros. Atualmente, um total de 86 espécies de cefalópodes são descritos para a costa brasileira, destes, um total de 12 espécies são citadas para a região costeira do Nordeste do Brasil.

Entre as espécies de lulas costeiras mais comuns registradas nesta região estão o *Loligo plei*, *Sepioteuthis sepioidea*, *Pickfordiateuthis cf pulchella*. Estas lulas vivem na coluna d água, mas também podem ser encontradas associadas a ambientes recifais ou estuários. Ainda nas regiões costeiras destaca-se o gênero *Octopus*, ao qual pertencem os polvos de águas rasas, comumente encontrado em ambientes rochosos e recifes do nosso litoral. Além do valor econômico, os polvos e lulas desta região são eles importantes em diversos ecossistemas, onde geralmente têm o papel tanto de predadores oportunistas, com uma dieta bastante variável, como de presas de peixes, aves, mamíferos marinhos e outros cefalópodes.

A identificação de espécies de polvo oferece dificuldades devido à ausência de partes duras e a alta variabilidade morfológica e de padrões corporais que estes animais apresentam. Em alguns casos, a separação de espécies se baseia em caracteres taxonômicos únicos de difícil avaliação objetiva como, coloração predominante na espécie, e a potência do veneno, tamanho de ovo e morfologia dos dispositivos sexuais

dos machos maduros. Entretanto, trabalhos recentes estão utilizando com sucesso características do padrão corporal dos polvos (textura, cor e forma) registrados através de fotografias submarinas para auxiliar na identificação das espécies de polvo.

Nos últimos anos, têm sido realizados trabalhos em várias partes do mundo com o intuito de elucidar as lacunas existentes na sistemática dos octópodes, sendo a fauna do Atlântico Sul ocidental a menos estudada. No Brasil, o Projeto Cephalopoda vem desde 1997 desenvolvendo pesquisas no litoral, e ilhas oceânicas do Nordeste, Arquipélago de Fernando de Noronha, Reserva Biológica do Atol das Rocas e Arquipélago de São Pedro e São Paulo, com o objetivo de aumentar o conhecimento a respeito dos cefalópodes que ocorrem nessas.

A fauna de polvos do gênero *Octopus*, nas águas rasas de até 80 metros no Nordeste do Brasil foi estudada a partir de coletas realizadas durante mergulhos científicos, arrastos de fundo e pesca comercial. Sete espécies foram identificadas de Salvador até o Pará, sendo que apenas 5 nas ilhas oceânicas do NE do Brasil:

*Octopus vulgaris* Cuvier, 1797 – costa do NE

*Octopus (Callistoctopus) cf macropus* (Risso, 1826) – costa e ilhas oceânicas

*Octopus hummelincki* (Adam, 1936) – costa e ilhas oceânicas

*Octopus (Paroctopus) joubini* Robson, 1929 – costa do NE

*Octopus (Amphioctopus) burryi* (Voss, 1950) – costa do NE

*Octopus cf defilippi* (Verany, 1851) – costa e ilhas oceânicas

*Octopus insularis* (Leite & Haimovici, 2008), nova sp. – costa e ilhas oceânicas

Outras formas de cefalópodes menos conhecidas são as espécies de águas profundas. Nestas enormes áreas, que se estendem em média até 5000 m de profundidade, se concentram a maior diversidade biológica de cefalópodes. Cefalópodes destas regiões possuem adaptações morfológicas e fisiológicas ao ambiente profundo, que incluem bioluminescência, flutuabilidade neutra, pele gelatinosa, ao invés de músculos, pele pálida, sem cromatóforos que permitam camuflagem, além de mecanismos de alimentação e reprodução diferenciados.

No Brasil, pouco ainda se conhece sobre os cefalópodes de profundidade, destacando-se o levantamento no talude realizado na costa da Bahia (Haimovici *et al.* 2007) com registro de 42 spp de fundo, até 910 m de profundidade. Entre estas espécies destaca-se os registros de vários exemplares de *Spirula spirula* confirmando assim a presença dessa espécie no litoral brasileiro, anteriormente conhecida apenas pelas suas conchas e pelos restos em conteúdos estomacais de teleósteos. Destacam-se também a lula amoniacal *Pholidoteuthis adami*, da família Lepidoteuthidae, sendo a maior espécie em tamanho e com maior contribuição em peso nos arrastos demersais, com exemplares que atingiram 800 mm de comprimento dorsal do manto e 9 kg de peso e a *Moroteuthis roboni*, outra lula de grande porte da família Onychoteuthidae. Também foram capturados vários exemplares de polvos da subordem Cirrata nos arrastos demersais, como os exemplares de *Opistoteuthis agassizii*, e *Cirrotheuthis muelleri*, além de vários exemplares de *Vampyroteuthis infernalis*, sendo estes os primeiros obtidos no Brasil, embora existam registros de bicos em conteúdos estomacais de predadores nas regiões Sul.